

Mídia, Femicídio e Movimento Feminista: Uma Análise da Cobertura Jornalística do Caso ‘Pamela Bessa’ pelo Telejornal ‘Bom Dia Paraíba’¹

Luana Brito LACERDA²

Demerval Ricardo de Melo LELLIS³

Glória RABAY⁴

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

RESUMO

O feminicídio de Pamela Bessa ocasionou uma série de protestos feministas no Sertão Paraibano, fator que impactou a cobertura da mídia local do caso, ampliando o debate sobre o problema. O objetivo deste estudo foi analisar a representação do feminicídio na cobertura da emissora de maior audiência do estado, a Rede Paraíba de Comunicação, afiliada da Rede Globo, e verificar o modo como as ações feministas influíram na pauta sobre o assunto. Observou-se que o ativismo feminista gerou repercussão (*suíte*), mas apareceu de fundo e não como fonte direta. As manifestantes não receberam direito à fala, e sequer foram citadas.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia; Femicídio; Movimento Feminista.

Introdução

Pamela Bessa foi assassinada pelo seu marido no dia 7 de setembro de 2020, em Poço José de Moura, uma cidade do Sertão paraibano. Na época, seu feminicídio ocasionou, de forma pioneira naquele território, uma série de protestos feministas.

As ações das mulheres impactaram a cobertura da mídia local sobre o caso, ampliando o debate do problema. No estudo *‘Regularidades discursivas dos casos de feminicídio no Diário do Sertão’* (2022), identifica-se que o ativismo das mulheres modificou momentaneamente o tratamento conferido pela mídia local à cobertura dos casos de feminicídios, os quais são, geralmente, representados como ‘homicídios’ e

¹ Trabalho apresentado DT 1 – Jornalismo/IJ01 do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 20 a 22 de junho de 2023.

² Estudante de Graduação 9º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPB, e-mail: luablacerda@gmail.com.

³ Estudante de Graduação 9º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPB, e-mail: ricchys@outlook.com.

⁴ Orientadora. Prof. Dra. do Dep. de Jornalismo da UFPB. Prof. do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas, e-mail: gloria.rabay@gmail.com.

descontextualizados de um cenário de violência contra mulheres. O movimento feminista colocou em pauta os próprios protestos, bem como questões sobre violência doméstica e impunidade de agressores.

Este estudo busca analisar a representação do feminicídio na cobertura da emissora de maior audiência do estado, a Rede Paraíba de Comunicação, afiliada da Rede Globo e verificar o modo como as ações feministas influíram na pauta sobre o assunto. Como *corpus*, foi escolhido o telejornal da manhã *Bom dia Paraíba*. As reportagens foram filtradas através da plataforma *Globo Play*⁵ e examinadas sob a método de Análise de Discurso (AD). As informações sobre os protestos feministas ocorridos foram obtidas por observação participante, e a análise sobre o modo como a cobertura se deu contou também com a entrevista do repórter Artur Lira, que cobriu o fato.

O feminicídio - 08/09/2020: vítima estava grávida

A primeira vez que o caso foi noticiado pela Rede Paraíba de Comunicação foi em um formato “ao vivo” no telejornal Bom Dia Paraíba, no dia 8 de setembro de 2020⁶, na manhã do dia seguinte ao acontecimento. A tarja é “*VÍTIMA ESTAVA GRÁVIDA: Mulher morre depois de sofrer agressões e o suspeito é o companheiro*”. Embora apontado como principal suspeito, em nenhum momento o termo “feminicídio” é utilizado.

Na matéria, a gravidez de Pamela recebe destaque quatro vezes. Frequentemente, fundamentado pela discursividade patriarcal de proteção da família e papel reprodutor da mulher. A mídia e a sociedade atribuem maior comoção quando as mulheres agredidas em questão são meninas ou gestantes. Isso fica evidente quando, na fala da apresentadora, surge: “Destruíu *toda* a família”.

A apresentadora chega a falar em violência contra a mulher, mas, de forma geral, pode-se interpretar que o discurso do jornal produz um sentido dominante de cobrança por punitivismo: “e é por causa dessa impunidade, Arthur Lira, que casos assim, de violência contra a mulher, continuam a acontecer”. Aliado a isso, embora aponte para uma prática recorrente, o telejornal se furta à oportunidade de contextualizar e elucidar

⁵ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/>

⁶ Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/8839017/>

dados e índices de feminicídios no estado, de divulgar o número do telefone do “disque denúncias” ou informar acerca de órgãos públicos que atendem mulheres em situação de violência, configurando uma certa política de silenciamento (ORLANDI, 2007).

Como já demonstrado na dissertação *‘Hoje, se espremer o espelho, sai sangue’*, em que se analisou a cobertura de sete casos de feminicídios pelos telejornais da emissora, foi constatado que é a mensagem e o objetivo geral das matérias geralmente é o punitivismo: “No caso de feminicídios, no qual a situação já chegou ao extremo, o objetivo é incentivar que os telespectadores ajudem a polícia a encontrar o suspeito. Mas não é incomum oferecer serviço algum” (PAZ, 2018, p. 62).

A construção discursiva do acontecimento como “um crime horrendo” pelo fato de a vítima estar grávida e a existência de um apelo à efetiva punição do assassino supõe o isolamento do caso, despolitizando o fenômeno e retratando o problema como pontual, ao invés de uma epidemia. Assim, provocando esse distanciamento, pode-se culpar e punir o indivíduo sem pensar criticamente em suas causas sociais. Tal interpretação vai de encontro com Thurler (2017, p. 465), que aponta que no jornalismo de forma geral, as matérias sobre feminicídios são “predominantemente descontínuas e pontuais, provocando o sentimento de que os feminicídios são fatos isolados”.

Além disso, há um ruído, ou seja, um desencontro nas informações transmitidas pelo repórter. A informação por parte da polícia civil é que não se prendeu o suspeito quando ele prestou depoimento por não se ter informações sobre a vida pregressa do casal. Porém, provavelmente motivado pelas indagações dos protestos, o repórter realça: “*agora, o que chama atenção nesse caso, Denise, é que o suspeito [...] prestou depoimento e foi liberado [...], mesmo com o relato dos vizinhos, [...] mesmo com o relato do médico [...] mesmo após a morte dessa mulher*”. Tal enunciado, composto por repetições da conjunção de coordenação adversativa “mesmo”, produz efeitos de sentido que indicam contradição entre os termos relacionados, isto é, o fato do feminicida ser liberado e ter testemunhas o suficiente que o incriminariam.

Esse era o mesmo discurso da população da cidade que se revoltou contra o crime, colocando em descrédito o discurso da polícia. A reprodução do discurso da população por parte do repórter demonstra o alcance da revolta e protestos organizados pelas mulheres do sertão paraibano. Em entrevista por WhatsApp, o repórter foi questionado se lembrava dos protestos realizados na época, disse:

Lembro sim. Inclusive, na época logo nos primeiros protestos nós recebemos vídeos de redes sociais que mostravam mulheres na rua protestando com cartazes na mão. Também acompanhamos quando ele foi preso, no estado de São Paulo. Também continuamos acompanhando o caso e o julgamento dele, quando ele foi condenado (mensagem enviada em 10/032023).

Quando questionado se a população e os protestos podem ser considerados fontes indiretas da sua reportagem, o repórter confirmou a ideia:

Com certeza sim. O jornalismo tem um papel social de informar. Tudo aquilo que é relevante para o conhecimento da sociedade tem o caminho para pautas. Quando protestos são realizados, ali está presente uma comunidade; uma representação; um grupo que necessita ser escutado (mensagem enviada em 10/032023).

No entanto, os protestos organizados pelas feministas não aparecem no texto do repórter, nem inicialmente, nem posteriormente. Não há imagens das manifestações ou fala das ativistas. A única fonte ouvida e reproduzida pela reportagem é a polícia.

O repórter, na referida entrevista, informou que imagens das ações das mulheres foram noticiadas pelo telejornal em forma de notas coberturas [explique](#), porém, esse material não foi encontrado disponível no GloboPlay. Portanto, não é possível confirmar se o material foi realmente ao ar, o que direciona a análise ainda mais na ideia de silenciamento.

Uma semana após – 16/09/2020: assassinato no sertão (suíte)

Não é comum um caso de feminicídio ser “suítado” no jornalismo televisivo tradicional. O que demonstra a repercussão estadual do caso Pâmela Bessa.

Uma semana após o ocorrido, no dia 16 de setembro⁷, vai ao ar uma reportagem gravada com a tarja: “ASSASSINATO NO SERTÃO: Polícia revela que principal suspeito de matar grávida é o companheiro dela”. Os elementos presentes na matéria anterior continuam sendo reforçados: não porque “mulher”, mas porque “grávida”; dando preferência ao uso do termo “assassinato” ao invés de feminicídio.

⁷ <https://globoplay.globo.com/v/8860047/>

A mensagem geral do produto continua sendo a cobrança por punitivismo, nesta matéria, identificada na fala e tom de voz irônico do repórter: “Agora, uma semana depois, com o suspeito já foragido, a polícia civil deu uma entrevista coletiva para confirmar as suspeitas que foram apontadas desde o início”. Nessa fala também estão presentes argumentos dos protestos locais.

O termo “feminicídio” é enunciado duas vezes. A primeira, na sonora do delegado: “o caso da Pamela Bessa é um caso típico de feminicídio”. Na segunda, na fala espontânea da apresentadora: “a gente não pode se calar e achar que é só mais um caso de feminicídio”. O termo não é explicado ou contextualizado, além de que, em nenhum momento, aparece no *off* do repórter.

Os únicos serviços ofertados nessa reportagem são os da polícia: “Quem tiver informações que ajudem a polícia a encontrar Hélio José de Almeida Feitosa pode ligar para os números 190 da polícia militar ou 197 da polícia civil”. Não são apresentados dados sobre de violência de gênero no estado, nem órgãos de atendimento às vítimas de violência.

Condenação

Agora, em formato de *stand up*, o repórter é o Herbert Araújo. Os elementos identificados anteriormente se repetem: destaque ao fato de Hélio não ter sido preso em flagrante; ausência de dados de feminicídios/violência contra a mulher e de informações sobre telefones de órgãos de segurança, como o disque-denúncias, ou de órgãos de atendimento às mulheres em situação de violência. Não há falas das ativistas.

Considerações finais

Embora o termo ‘feminicídio’ seja algumas vezes enunciado, não está devidamente incorporado e contextualizado na cobertura. A fim de cumprir o papel de conscientização da população, o fundamento que deve guiar coberturas jornalísticas acerca de feminicídios deve ser a contextualização, a correlação do crime a um problema social que deve ser combatido e a divulgação de órgãos de socorro e apoio às mulheres.

A repercussão local e os protestos organizados pelas mulheres de Poço José de Moura chegaram, segundo o repórter entrevistado, até o veículo em forma de vídeos e

informações via WhatsApp. Esses acontecimentos foram absorvidos pela emissora, que repercutiu o caso com “suíte”.

No entanto, diferente do que aconteceu nos portais locais, na região do Sertão paraibano, o movimento de mulheres apareceu como pano de fundo e não como fonte direta, portanto, as manifestantes não receberam direito à fala, não foram citadas ou ouvidas. A única fonte direta foi a polícia, reproduzindo o que tem sido apontado como um dos erros fundamentais na cobertura jornalística dos casos de feminicídios.

Referências

CAPUTI, J.; RUSSELL, D. E. H. **Femicide**: sexist terrorism against women. In: Radford, J.; Russell, D. E. H. *Femicide: the politics of woman killing*. New York: Twaine Publishers, 1992.

LACERDA, Luana Brito; LELLIS, Demerval Ricardo; RABAY, Glória. Regularidades discursivas dos casos de feminicídio no Diário do Sertão. **PragMATIZES** - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura, Niterói/RJ, Ano 13, n. 24, p. 75-98, mar. 2023.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

PRADO, Débora; SANEMATSU, Marisa. **Feminicídio**: #InvisibilidadeMata. São Paulo: Instituto Patrícia Galvão, 2017.

PAZ, P. **Hoje, se espremer o espelho, sai sangue**”: etnografia da produção de notícias de feminicídio para o telejornal JPB 1º edição (PB). UFPB. João Pessoa, 2018.

THURLER, Ana Liési. Feminicídios na mídia e desumanização das mulheres. **Revista Observatório**, v. 3, n. 6, p. 465-496, 1 out. 2017. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/4249/12562>. Acesso em 22 de mai. de 2023.